

---

## **Ideologia, resistência e identidade: o posicionamento contra hegemônico de MC Tha na canção Valente<sup>1</sup>**

Rita Donato<sup>2</sup>  
Herom Vargas<sup>3</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

### **RESUMO**

Para compreender de que maneira textos articulados na música popular brasileira podem quebrar a lógica hegemônica, este artigo analisa o posicionamento da artista MC Tha na canção *Valente*, lançada em 2018. A partir da letra, do ritmo e da performance da compositora no videoclipe, são observados os possíveis sentidos do texto cultural e como ele se organiza para criar nova semiose que refuta as “leituras preferenciais” que privilegiam o pensamento colonial. A análise ilustra como a canção dialoga com outros textos e propõe o reconhecimento da ancestralidade da cantora, além de reforçar o significado de mulher negra emancipada, sem submissão ao discurso binário da estereotipagem racial.

**PALAVRAS-CHAVE:** MC Tha. Mulher negra. Identidade. Música popular. Funk.

### **Estudos Culturais: tensões e valorização de culturas marginalizadas**

Nascido por fusões e acoplamentos de ritmos nas periferias do Rio de Janeiro (RJ), o funk contemporâneo é considerado, mais que gênero musical, um espaço para experimentação estética, performance, entretenimento e construção de sociabilidades. Apesar de suas múltiplas facetas, o gênero foi estereotipado e estigmatizado por conta de algumas peças de cunho machista e misógino - como o funk ostentação -, com reforço da exploração do corpo feminino. Tais aspectos existem, mas o discurso midiático se constrói justamente para incentivar leituras que desconsideram o funk como espaço de luta e resistência.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do curso de Comunicação Social da UMESP-SP. E-mail: ridonato@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica. E-mail: heromvargas50@gmail.com.

---

Para Hall (1992), essas leituras ou traduções de textos “preferenciais” são aquelas que aceitam, sem quaisquer questionamentos, a ideologia dominante, mais fácil de ser comercializada. Hall (2003) também teoriza sobre os perigos das forças que ameaçam todas as culturas contrárias ao pensamento ocidental. O autor argumenta que, para evitar a homogeneidade, é preciso romper a “mesmice cultural” atravessada pelos padrões ditados pelo homem branco, que nega a riqueza de produções simbólicas de grupos minoritários e sua importância na construção cultural. Parte das reflexões do autor, e que interessa neste artigo, traduz a preocupação com o racismo.

A discussão proposta aqui parte da noção de cultura como campo de disputa e negociação, por isso, respeita a lógica dos Estudos Culturais (ECs), que emergiram como teoria crítica na década de 1960 e valorizam os textos culturais que traduzem, no corpo de sua linguagem, os posicionamentos políticos e discursos de transformação que unem grupos minoritários em dinâmicas de diálogo contra os conceitos dominantes, ou seja, de possíveis traduções de oposição às chamadas “leituras preferenciais”.

As “subculturas”, como os sociólogos dessa linha definem pequenos grupos contrários à cultura hegemônica, são parte desses objetos de análise cujas dinâmicas sociais resistem ao sistema ideológico dominante. À luz de teorias críticas de um lado, atividades culturais das massas foram tratadas sem a abordagem negativista e apocalíptica dos teóricos da Escola de Frankfurt; de outro, passaram a ser objeto de análise aquelas obras de artistas alternativos que se posicionam à margem das indústrias culturais ou do gosto estético mais elitizado. Essas pesquisas dos ECs passaram a dar atenção à intensa dinâmica social de áreas periféricas como base para essa produção cultural e simbólica não hegemônica.

Mattelart e Neveu (2004, p. 73-75) explicam que um dos aspectos mais interessante nas análises dos ECs é notar as representações de um grupo marginal – neste caso aqui, da mulher negra – dentro de um processo que considera quatro pontos essenciais: (1) a noção de ideologia, quando grupos passam a perceber e se posicionar contra os padrões hegemônicos; (2) a própria hegemonia, que endossa a ideia de manutenção do poder por grupos dominantes; (3) a resistência da minoria ao discurso elitista, visível em diferentes produções artísticas e culturais, especialmente na música popular; (4) a identidade (ou identidades), a partir de questões de gênero, sexualidade e etnia de diferentes gerações que se afastam da noção tradicional de identidade e passam a se movimentar dentro da cultura. Todos são responsáveis pela construção cultural de

---

uma sociedade que, segundo pesquisadores dessa linha teórica, é heterogênea, dinâmica, flexível e conflituosa.

Em outras palavras, os ECs oferecem possibilidades de análise que contradizem a antes inquestionável cultura dominante ao sugerirem o debate sobre representações que se posicionam em oposição aos padrões hegemônicos. E também encaram a indústria cultural como um dos campos simbólicos de luta, ou de negociação de espaço, dentro da cultura. A música popular é um exemplo que ilustra como alguns dos seus discursos podem significar ideias de resistência aos preconceitos construídos pelas elites, que atuam para fortalecer o poder branco e masculino, no geral, dentro de determinados consensos. Por meio de letras, interpretações performáticas, videocliques e arranjos musicais, artistas manifestam formas de oposição e resistência política para desconstruir um cânone<sup>4</sup> musical e ajudar na construção de textos culturais que consideram aspectos diferenciados de gênero, raça e classe na consolidação de identidades.

### **Semiótica da Cultura como ferramenta metodológica**

Para compreender como os textos ganham sentido conforme o contexto, ou seja, são traduzidos dentro de determinada cultura, este artigo também é guiado pela Semiótica da Cultura, cujos debates partiram de pesquisadores da Escola de Tártu-Moscou, na antiga União Soviética, a partir dos anos 1960 e, de certa forma, são contemporâneos dos Estudos Culturais. Com a premissa de que cultura também é linguagem e memória, as ideias de um dos principais teóricos da escola, o crítico literário e filósofo russo Iuri Lotman, propõem uma reflexão sistêmica sobre os textos cultural e artístico e suas relações intrínsecas e extrínsecas, sugerindo um instrumento de análise de determinadas culturas e dos processos de comunicação de grupos sociais, adotado nesta análise.

A fim de mostrar como os textos são articulados e ganham sentidos dentro de um espaço semiótico, Lotman (1996) sugere o conceito de semiosfera. Uma metáfora, análoga à noção de biosfera, que traduz a ideia de um espaço onde a semiose ocorre. Objetivamente, seria uma “[...] esfera que possui as características distintivas que se atribui a um espaço fechado em si mesmo. Só dentro de tal espaço se torna possível a

---

<sup>4</sup> Qualidades estéticas de uma obra - beleza, harmonia, ritmo, proporção, verdade -, o melhor que já teria sido produzido por algum artista. Quebrar essa lógica significa questionar o belo, o “cânone”, a partir da ótica da cultura popular, rompendo relações de poder instituídas dentro do conceito de hegemonia. “Em outras palavras, é preciso interrogar por que e por quem um texto foi (ou talvez ainda seja) considerado belo operante numa cultura em determinado período e quais as formas culturais excluídas por tal definição” (FREIRE FILHO, 2010, p .111-112).

---

realização dos processos comunicativos e a produção de nova informação” (LOTMAN, 1996, p. 23)<sup>5</sup>. Dentro de uma semiosfera há determinada coerência, os textos que pertencem àquele ambiente compreendem seus códigos e traduzem os sentidos dentro de determinada lógica, apesar das trocas contínuas.

Lotman (1996, p. 88-89) lista três funções essenciais de um texto cultural: a primeira, mais simples e direta, é a transmissão de uma informação, de maneira objetiva; a segunda é a geradora de sentido ou criadora e se refere a como os textos culturais produzem sentido e são recriados, como traduzem informações de uma semiosfera a outra, ou entre textos distintos, como funcionam seus mecanismos de semiose; a terceira função está ligada à memória e indica que todo texto cultural carrega, em alguma medida, informações ancestrais, já que inevitavelmente ele se constrói também conforme suas articulações com informações do passado.

### **A função do texto no *corpus***

Com o intuito de entender como os textos cultural e artístico são construídos dentro de um contexto e de que maneira podem ser tratados em uma obra contemporânea que questiona as normas estéticas e reforça questões ideológicas, como preconizam os Estudos Culturais, este artigo se sustenta nessas funções complexas desenhadas pelo semiótico como categorias para analisar a canção *Valente* (2018), lançada pela artista negra Thais Dayane da Silva, conhecida midiaticamente como MC Tha, que se opõe a hegemonia ao sugerir novas perspectivas de compreensão sobre a cultura, sobre a música e, em especial, sobre a mulher negra. O posicionamento crítico permeia o quarto *single* da compositora, que foi selecionado para este debate porque tem relação com a maturação artística e identitária assumida por ela. Em entrevista à *Revista Piauí* (BRAGA, 2022, s/p), a cantora afirmou que encontrou um ponto de equilíbrio e sua identidade como funkeira quando gravou essa canção, “um funk sobre a coragem”.

Por isso, este artigo propõe articular os debates que emergiram nos Estudos Culturais, principalmente nos trabalhos de Hall, para valorizar questões de gênero e raça, especialmente, produções de mulheres negras, sistematicamente reduzidas no sistema opressor. A análise avalia o *corpus* (letra, ritmo e performance no videoclipe) a partir das

---

<sup>5</sup> No original: [...] esfera que posee los rasgos distintivos que se atribuyen a un espacio cerrado en sí mismo. Sólo dentro de tal espacio resultan posibles la realización de los procesos comunicativos y la producción de nueva información.

funções principais dos textos cultural e artístico - (1) transmissão da informação; (2) produção de sentidos; (3) articulação da memória. A intenção desta discussão é, portanto, compreender como MC Tha organiza os signos dentro de uma semiosfera - neste trabalho, esse organismo abstrato definido por Lotman é lido como o funk -, produzindo e interagindo com códigos relacionados ao universo da mulher negra da periferia, ao mesmo tempo em que valoriza a influência religiosa afro-brasileira em suas músicas e permite que o público conheça novos textos relacionados à sua experiência de vida.

### **Contribuições da pesquisa e considerações**

Natural da Cidade Tiradentes, Zona Leste de São Paulo (SP), a artista tinha 15 anos quando começou a divulgar o seu trabalho em eventos da região - uma das primeiras a receber os bailes funks tradicionais no Rio de Janeiro e na baixada santista nos anos 2000. Graduada em Jornalismo, a paulista trabalhou com projetos sociais e culturais antes de se dedicar integralmente à música. “[...] Foi o momento em que sai do meu bairro e passei a me entender como artista, conviver com outras manifestações artísticas sem ser o funk. Minha cabeça abriu”, contou a cantora em entrevista à revista Marie Claire (GEREMIAS, 2019, s/p).

*Valente* demonstra a abertura que MC Tha buscava, pois sugere diálogo e reflexão sobre a história da negritude por meio de uma linguagem popular. A peça pede para que o ouvinte “liberte a mente”, em outros termos, dispa-se dos preconceitos e das “leituras preferenciais” para compreender questões da diáspora pouco abordadas pela indústria cultural, especialmente do funk. Desde o lançamento da canção, a artista se dedica a composições que remetem à cultura negra e às periferias de São Paulo, ressaltando conflitos sociais e a ideia da mulher negra empoderada. “Sou uma mulher racializada, não padrão, da periferia, vim do funk, sou de terreiro e estou criando uma linguagem totalmente nova”, declarou à agência Mural (AGUIAR; FERNANDES, 2002, s/p). Sobre a composição, a cantora reforçou que a letra traduz a proximidade com o seu cotidiano.

Ao optar pela música popular como estratégia para compartilhar suas experiências e seu posicionamento político, MC Tha propõe um texto que pode ser traduzido a partir da problematização sobre fenômenos histórico-culturais, mas sem tipificar a mulher negra, o que pode ser considerado resistência ao pensamento hegemônico e abertura de diálogo para explicitar as tensões nas relações de poder. Diante da reflexão, pode-se afirmar que o trabalho artístico analisado é mais uma alternativa para valorizar questões

de raça, gênero e classe, além de estimular a população ao consumo de uma cultura não dominante. Um movimento que contesta as estruturas tradicionais impostas nos mecanismos institucionais.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Estrela; FERNANDES, Ingrid. Som de preta, de favelada: a correria das mulheres do funk paulista. *Várias Quebradas. Especial. Agência Mural de Jornalismo das Periferias*. [12 jun. 2022]. Disponível em:

<https://www.agenciamural.org.br/especiais/minas-do-funk-de-sao-paulo/>. Último acesso em: 5 jun. 2024.

BRAGA, Thallys. Santo Baile: o funk afrorreligioso da cantora MC Tha. *Esquina. Revista Piauí*. Edição 191 [Agosto 2002]. Disponível em:

<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/santo-baile/>. Último acesso em: 3 jun. 2024.

FREIRE FILHO, João. Os Estudos Culturais e os deslocamentos do domínio estético. In: LEAL, B.S.; GUIMARÃES, C.; MENDONÇA, C. (org.) **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 105-127.

GEREMIAS, Priscila. MC Tha: conheça a cantora que dialoga entre a MPB e o Funk. [18 mai. 2019]. *Cultura. Marie Claire*. Disponível em:

<https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2019/05/mc-tha-conheca-cantora-que-dialoga-entre-mpb-e-o-funk.html>. Último acesso em: 3 jun. 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri. 2016.

HALL, Stuart. “Encoding/ Decoding”. In: HALL, Stuart et al. **Culture, Media & Language**. Londres: HarperCollins Publishers Ltd, 1992, p. 128-138.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, 2006, p. 21-35.

LOTMAN, Iuri. M. **La semiosfera I**: semiótica de la cultura y del texto. Madrid/ Valencia: Ediciones Cátedra/ Frónesis Universidad de Valencia, 1996.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera II**: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. S. Paulo: Parábola, 2004.